



## LGBTQIAFOBIA: (DES)CONTEXTUALIZANDO A (IN)DIFERENÇA NO CONTEXTO ESCOLAR

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias B. de  
Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho/ UNESP-FCT

### RESUMO

A adoção da heterossexualidade como verdadeira, presumível e estável, tende a imputar sanções aqueles/as que agem em desatendimento ao processo de heteronormatização. Os reflexos impostos pela norma reguladora, traduz o âmbito escolar como um lugar de opressão, no qual, alunos/as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Questionadores/as, Intersexos, Indecisos/as Assexuados/as e Aliados/as – LGBTQIA – vivem de maneiras distintas às múltiplas fobias, observado no decorrer de uma pesquisa empírica, já concluída e apresentada para a obtenção do título de Mestre em Educação. Neste estudo, respaldado na teoria dos Estudos Culturais, buscamos demonstrar que a construção da(s) identidade(s) e a (re)produção da(s) diferença(s) são fatores excludentes para o processo de escolarização desses/as alunos/as. Sob esse enfoque, não pretendemos negar a (co)existência da(s) diferença(s), mas sim defendemos que as pessoas possam ser diferentes e que isso seja visto como algo bom e positivo, não como algo a ser tolerado, por isso, há de se pensar cotidianamente em estratégias educacionais de combate e enfrentamento às diversas formas de assédio e opressão a que são submetidos/as pessoas LGBTQIA.

Palavras Chave: Identidades; Diferenças; LGBTQIA; Escola; LGBTQIAfobia.

### INTRODUÇÃO

Não importa quão diferentes os membros de uma sociedade possam ser em termos de classe, gênero, raça, opção sexual. A primazia de uma identidade sobre a outra emerge nas diversas instâncias sociais, tais como: igreja, política, mídia, sociedade, escola, etc. através de “ações punitivas ou recuperadoras, de reclusão ou de regeneração, de ordem jurídica, religiosa ou educativa” sobre aqueles/as que transgridem a as normas fundantes de uma cultura nacionalizada (LOURO, 2009, p. 88).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Portanto, não se trataria de um equívoco explicitar dois momentos ou atos mentais envolvidos no preconceito espontâneo e dispô-los de acordo com a ordem, a saber: a rejeição da diferença vem depois da afirmação enfática da(s) diferença(s).

Essas asseverações são respaldadas na teoria dos Estudos Culturais proposta por Stuart Hall (2007) e Tomaz Tadeu da Silva (2007), que estabelecem a (re)produção das identidades e as diferenças por elas herdadas. Para este estudo nos atemos a negatização implicada a alunos/as não heteronormalizados quando inseridos no âmbito escolar. Como recorte de um estudo mais amplo apresentamos fragmentos dissertativos produzidos para a obtenção do título de mestre, por meio de uma pesquisa empírica concluída em 2013. Com isso temos a proposta de estabelecer a cultura das diferenças que recaem sobre alunos/as LGBTQIA<sup>1</sup> ao analisar as estratégias que estabelecem essas diferenças e verificar as suas reiterações no processo de escolarização.

## ESCOLA: AGENTE PLURALIZADOR DAS (IN)DIFERENÇAS

Pela constante reiteração da heteronormatividade<sup>2</sup>, a escola acaba por se configurar num lugar de opressão no qual alunos/as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Questionadores, Intersexos, Assexuados e Aliados - LGBTQIA - vivem de maneiras distintas, situações delicadas

<sup>1</sup> Adotamos a expressão LGBTQIAfobia com a intenção de sublinhar que a intransigência social em relação à homossexualidade masculina (ideia implícita à noção de homofobia) não é da mesma ordem do desrespeito que atinge lésbicas (oprimidas por uma lesbofobia que, além de homofóbica, é machista e sexista), nem do repúdio que sistematicamente atinge travestis e transexuais, cujas existências ferem de morte os binarismos macho-fêmea, homem-mulher, o que as torna vítimas preferenciais do terrorismo de gênero. Acredita-se que ao adotar um termo único, como a LGBTQIAfobia evita-se o uso repetitivo das expressões Lesbofobia, Transfobia, Travestifobia, Tansgênerofobia, Gayfobia, Bifobia, Bigênerofobia, *Queer*fobia, Intersexofobia, Aliadofobia e Assexofobia, o que cansaria o/a leitor/a.

<sup>2</sup> Embora, seja pouco debatido, na prática é difundido cotidianamente em nossa sociedade e (re)produzidos pela escola. Ele se desenvolve cotidianamente nas práticas de reiteração compulsória a serviço da consolidação do imperativo heterossexual em detrimento das outras formas de opção sexual e materialização de normas regulatórias que são em partes, aquelas da hegemonia sexual, através de uma relação binária, onde uma das formas de manifestação da sexualidade recebe um valor positivo e privilegiado, enquanto a outra obtêm o cunho contraproducente.

Realização:



Apoio:



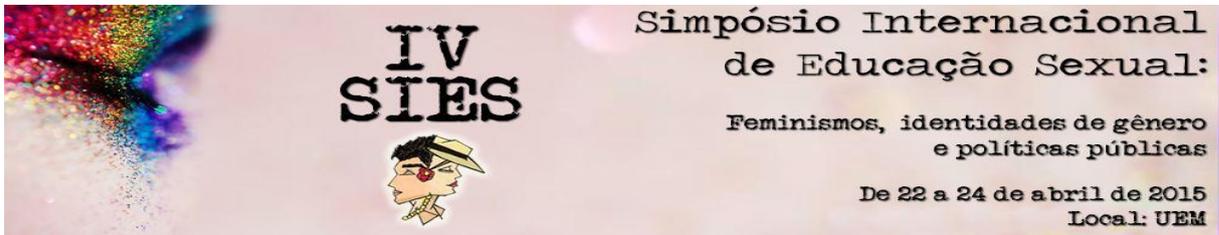
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



de vulnerabilidade, negação, autoculpabilização e internalização das múltiplas *fobias*. Em sua grande parte esse assujeitamento se faz com a participação ou omissão da família, da comunidade escolar, sociedade civil e pela ausência de políticas públicas de promoção da cultura do respeito na agenda governamental do governo brasileiro (FERRARI, 2000, 2011, JUNQUEIRA 2009a, LIONÇO; DINIZ, 2009).

A LGBTQIAfobia passa a ser um fenômeno social que atinge milhões de crianças, jovens e adultos escolares e

[...] representam problemas reais que produzem e alimentam preconceitos, discriminações, violências e violações de direitos humanos. Geram, nas pessoas que são alvos desses mecanismos, mal-estar, insegurança, angústia, isolamento e sofrimento. Esses sentimentos podem interferir em suas relações sociais; prejudicar seu rendimento escolar, levando-as até a sair da escola; impedir seu acesso a oportunidades de emprego ou promoção no ambiente de trabalho; aumentar sua vulnerabilidade às DST/HIV/AIDS e ao uso de drogas e influenciar em sua qualidade de vida e de saúde (BRASIL, 2009, p. 22).

A LGBTQIAfobia impacta diretamente na esfera dos sentimentos, da dignidade, do sucesso ou do fracasso escolar. As agressões físicas e verbais, a destituição de esperanças de sobrevivência digna e segura quando são comumente inferiorizados/as ou reprimidos/as, ao assumirem uma identidade sexual fora dos padrões considerados convencionais; além das exclusões constantes as quais esses/as alunos/as são submetidos/as corriqueiramente no cotidiano escolar, criam situações tristes de constrangimentos, sofrimento psíquico intenso, além de impulsionar a saída dessas pessoas das escolas dificultando seu acesso ao mercado de trabalho, obrigando-os/as a sujeição de subempregos e/ou atividades estigmatizantes (ABRAMOVAY, 2009).

Para Allport (1954) o fundador da teoria cognitiva do preconceito em sua obra *The Nature of Prejudice*, caracteriza a discriminação e o preconceito manifestos pela LGBTQIAfobia como sendo um ódio fundamentalmente irracional nascido na ignorância e nas manobras ego defensivas das pessoas com estruturas de personalidade fraca (DOVIDIO, GLICK, RUDMAN, 2005).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





E embora seu primeiro elemento seja associado ao ódio, medo, nojo, raiva, desconforto, aversão, as “tentativas de horrorizar, gerar pânico, amedrontar gays, lésbicas, travestis, transexuais, por suas condições e posições, e em circunstâncias diversas” (SOUSA FILHO, 2013a, p. 15), não pode ser reduzida unicamente a isso, “ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal” (BORRILLO, 2009, p. 15) e a valorar as diferenças de modo a promover desigualdades ou prejuízos para as partes desqualificadas (LIONÇO; DINIZ, 2009, SILVA, 2007, HALL, 2007, 2006). A manutenção dessas estratégias importa na “constituição de pares de representação de valores opostos, na instauração das diferenças quantitativas entre as forças em questão e no estabelecimento de um jogo de sinais-obstáculos que submetem o movimento das forças a uma relação de poder” (FOUCAULT, 2004, p. 87).

Embora inexistam dados suficientes sobre a evasão escolar causada pela violência a que estão esses/as aluno/as são vítimas no âmbito escolar, à situação de desvalorização e abjeção a que são submetidos/as é bem mais disseminada do que se imagina. Prova disso são os resultados obtidos através de pesquisas realizadas pela Unesco (2004), Fundação (2009) e Abramovay (2009) em que muitas das situações homofóbicas relatadas pelos sujeitos entrevistados têm sua origem ou aconteceram de fato na escola, a ponto de deixar alguns/mas alunos/as impossibilitados/as psicologicamente de frequentá-la, por causa da violência a qual estão expostos/as.

## A LGBTQIAFOBIA COMO SUBPRODUTO DAS PRÁTICAS ESCOLARES

Cabe a escola a tarefa de “redimensionamento, na construção e na reconfiguração dos valores e julgamentos morais atribuídos pelo senso comum às minorias, às diferenças e à diversidade de modos de estar no mundo” (FONTES, 2009, p. 99) e o reconhecimento da presença neste espaço de alunos/as LGBTQIA é o primeiro passo na conquista da valoração desses sujeitos. Entretanto, a tarefa não é tão simples como parece e os membros da comunidade escolar com suas

Realização:



Apoio:



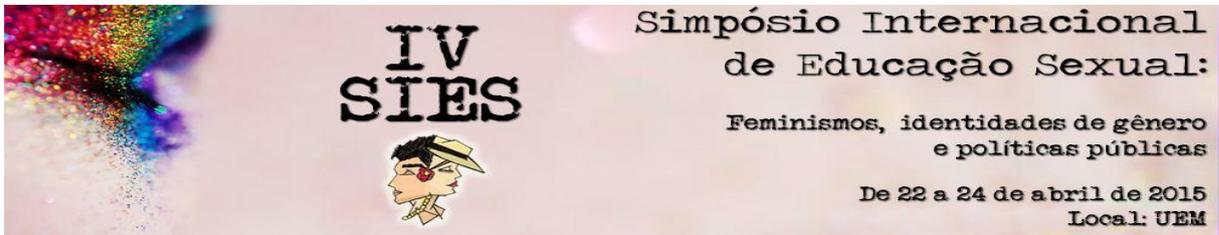
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



mais distintas bagagens e modos de ver e vivenciar o mundo poderão não estar atrelados/as a uma cultura do respeito ao livre exercício das múltiplas manifestações da sexualidade (ABRAMOVAY, 2009).

Evidentemente, os/as próprios/as profissionais da educação “nem sempre se mostram dispostos a fazer um diálogo mais aprofundado ou a adotar medidas que favoreçam o avanço dos direitos sexuais” (JUNQUEIRA, 2009b, p. 173) e, “portanto não conseguem educar os/as estudantes para lidar com as diferenças” (ABRAMOVAY, 2009, p. 196).

A observação e a análise do cotidiano escolar revelam situações e procedimentos pedagógicos e curriculares estreitamente vinculados a processos sociais por meio dos quais se desdobra e aprofunda a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais que, entre outras coisas, interferem na formação e na produção social do desempenho escolar (JUNQUEIRA, 2012, p. 65).

Nesse ambiente de hostilidade são imputadas as penalizações, coerções e (re)adequações daqueles/as “infratores/as” denominado por Bento (2011) como um processo de heteroterrorismo em sua grande parte pautado no somatório de valores morais, religiosos, biologizante, psicologizantes, históricos e culturais.

Congregada as características das configurações familiares e a possibilidade de alguma alteração genética, hormonal ou desvio de personalidade, os/ as docentes se julgam capazes de detectar a homossexualidade em alunos/as desde a mais tenra idade ao sintomatizá-la pela presença de comportamentos considerados típicos do gênero oposto (meninos mais afeminados e meninas mais masculinizadas) e esse recurso a mitos fundadores faz com que a identidade heterossexual – heteronormatividade – habite o imaginário coletivo da “naturalidade” e as características fenotípicas, genotípicas e hormonais herdadas com o nascimento impele esses agentes a perceberem apenas a coexistência estrita de alunos machos e alunas fêmeas. Tais atributos arrebatam o reconhecimento da sexualidade como uma consequência (bio)lógica, partilhado por todos/as e sem

Realização:



Apoio:

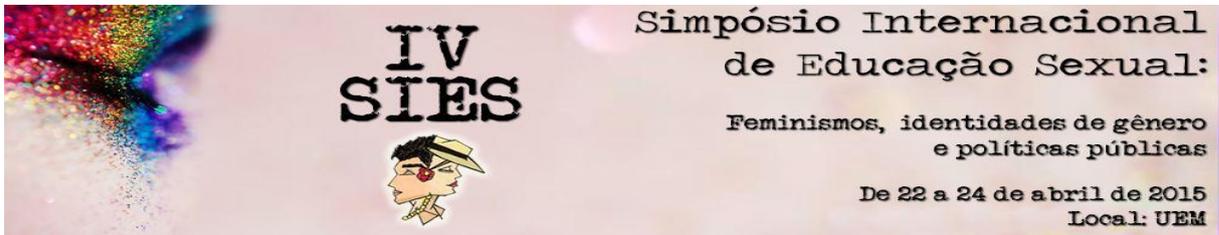


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





qualquer relação com a sua história, cultura e sociedade as quais os sujeitos estão inseridos (SILVA, 2007).

Como nem todas as políticas educacionais são providas de precauções as coisas se complicam ainda mais com avançar dos estudos, quando alunos/as se percebem com “interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses/as restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação” (LOURO, 2010, p. 27).

A vivência em um lugar heteronormatizado, como a escola

[...] pode obrigar o sujeito ao jogo dissimulado da duplicidade. As pessoas encontram-se no “entre-lugar”: aquele que traz para as suas práticas, a sensibilidade e os saberes das identidades que acumulam, mas, por conhecer os códigos predominantes da escola, optam por manter-se, ao olhar do outro, nas identidades legitimadas e reconhecidas para esse espaço. Esse quadro explica a astúcia e o cuidado para apreciar, ouvir, sentir e tocar as inúmeras situações em que as homossexualidades são visibilizadas, ou então, conhecendo seus limites, silenciadas momentaneamente (CAETANO, 2008, p. 161).

Tais aspectos conduzem alunos/as LGBTQIA a vivenciarem seus desejos na clandestinidade ou mesmo a subvertê-lo, impedindo-os/as de realizarem suas aspirações sentimentais de forma plena ao serem caracterizados/as como desviantes e apontados/as como ilegítimos/as (CAETANO, 2008, FERRARI, 2000).

Há de se considerar que tanto alunos quanto alunas, muitas vezes, sem quaisquer inclinações para o homoerotismo ou mesmo, assumidamente homossexuais acabam sofrendo o isolamento na escola em atividades curriculares e no recreio, porque, sendo meninos tinham mais afinidades com as meninas do que com os meninos ou vice-versa. Esse niilismo imposto a esses indivíduos é referendado pelo corpo docente e administrativo das escolas e é muito comum encontrar nas falas dos professores que esses/as alunos/as

[...] “tem que se dar ao respeito”, tentando com isso justificar suas atitudes de discriminação e as brincadeiras com eles a partir dos próprios homoeróticos. Quer dizer: como eles não se dão ao respeito pode ser objeto de brincadeiras, que demonstram todo tipo de discriminação, preconceito e exclusão (FERRARI, 2000, p. 11-12).

Realização:



Apoio:

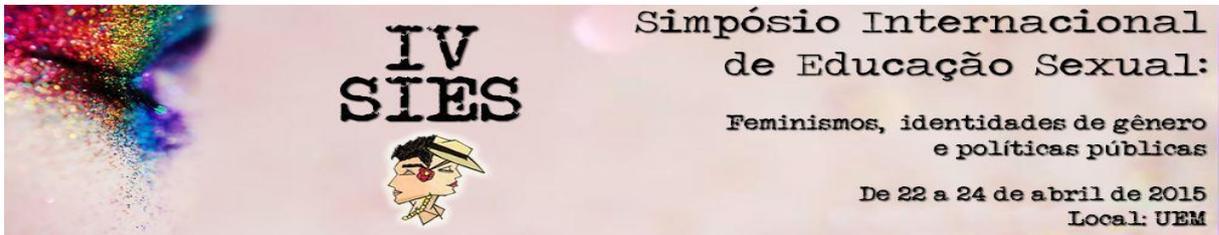


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Esta manutenção e regulação dos corpos através da disciplina disseminado por Foucault (2004) é evidenciado na preleção de professoras ao entenderem que determinados comportamentos e vestimentas são uma afronta à vida cotidiana da escola. O modo como alunos e alunas devem se comportar é correspondente a um laborioso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. Há uma expectativa educacional em relação à maneira de como “andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc.”, conforme o gênero. Também há a inculcação de modos específicos de como proceder na vida exterior ao paço escolar referente ao modo de “trabalhar, gerenciar outras pessoas, ensinar, dirigir o carro, gastar o dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades” (PARANÁ, 2009, p. 40).

A manutenção e regulação dessa normalização é constantemente vigiada e punida quando transgressora e

[...] não são apenas os alunos os que vigiam cada garoto “afeminado”, mas sim a instituição inteira. E todos o fazem à medida que, de maneira capilar e permanente, controlam os demais e a si mesmos quando a professora chama atenção ao modo de se vestir, se portar e agir de alunos/as [LGBTQIA], [...] costuma configurar um gesto ritual por meio do qual seu alvo é desqualificado ao mesmo tempo em que seu enunciador procura se mostrar como um indivíduo perfeitamente adequado às normas de gênero (JUNQUEIRA, 2012, p. 73).

Aqueles/as educadores/as que manifestam ínfimas aproximações com cultura do respeito são condicionados/as a tolerância desde que alunos e alunas apresentem características pessoais de boa conduta, discrição, disciplina, dedicação, respeitabilidade, responsabilidade, etc., ou seja,

[...] eles podem ser gays ou lésbicas, desde que não pareçam, ou seja, uma vez que não incomodem os olhos dos outros. Uma inclusão onde a condição é que eles abram mão de suas identidades e se enquadrem em determinados padrões de comportamento; padrões estes que não têm nada a ver com o papel de um aluno – se comportar, fazer o dever, estudar, etc. – mas com papéis de gênero. Padrões de gênero que não constam em nenhuma lei ou norma escolar. Padrões de gênero que são acriticamente reproduzidos pelas escolas e estão baseados tão somente nas concepções pessoais dos educadores. Obrigar um aluno ou aluna a modificar o seu jeito

Realização:



Apoio:



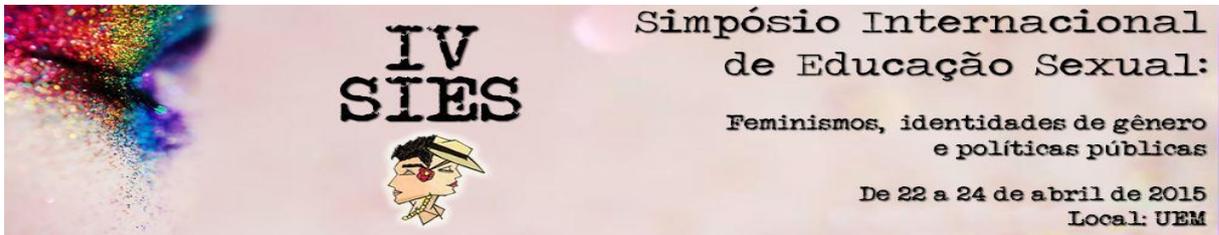
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



íntimo de ser, de falar, de se fazer bonito para poder estudar, é condicionar um direito que é incondicional. É abuso de poder. É desrespeito. E é sinal de que o educador ainda não entendeu que a identidade sexual daquele aluno não é uma firula ou uma brincadeira, mas parte constitutiva da sua própria personalidade (BORTOLINI, 2008, s/p.).

Outra manifestação de aviltamento a qual alunos/as LGBTQIA são submetidos/as no reduto escolar, se dá ao caráter de enfermidade imputada a homossexualidade, que pode ser apontado como outro fator demarcador da heteronormatividade. Mesmo ela tendo sido retirada do rol de transtornos psicológicos e da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID 10) é possível encontrar na locução de alguns/mas educadores/as resquícios de veiculação a um estado de doença e que associado ao desconhecimento torna quase impossível o exercício do direito a livre escolha e condução da sexualidade de alunos/as LGBTQIA (BORTOLINI, 2008).

Coadunada com esses aspectos discriminatórios, a longa tradição teológica “exercida especialmente pela nossa cultura judaico-cristã, impôs a heterossexualidade como o modelo ideal e saudável de sexualidade” é ela quem organizou, ideologicamente, uma forma radical de perseguição contra alunos/as homossexuais difundindo que pessoas LGBTQIA são contrárias a natureza humana e as leis de Deus (BORGES; PASSAMANI; OHLWEILER, 2011, p. 25).

Esse esquema histórico é comumente utilizado para silenciar a sexualidade de pessoas LGBTQIA na escola respaldado basicamente nos “mecanismos da repressão, da interdição, daquilo que rejeita, exclui, recusa, e depois fazendo recair a responsabilidade dessa grande recusa ocidental a sexualidade” acaba por afetar a forma como esses indivíduos serão percebidos e investidos no interior da escola (FOUCAULT, 2004, p. 63).

Outra pluralidade da LGBTQIA presente no cotidiano escolar, porém, reconhecida por educadores/as como algo potencialmente inofensivo são os insultos e zombarias, “muitos deles relacionados às homossexualidades e do entendimento comum de algo que ninguém quer ser, algo negativo, sendo muito comum ouvir dos “agressores” que tal fato era apenas uma “brincadeira”” (FERRARI, 2011, p. 77).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Consentida pela escola essa forma de abuso

[...] inclui ações e palavras para desqualificar, ridicularizar, fazer zombarias, injúrias, insultos, usar mal ou inconveniente de qualquer situação de superioridade de que se desfruta e exceder-se em limites que ultrapassam o respeito ao outro. Neste sentido, inclui agressões que, mesmo não ferindo o corpo, ferem a sensibilidade, as emoções [...] e desrespeitam a identidade e a singularidade da pessoa atingida, podendo causar transtornos ou desconfortos emocionais, que podem traduzir-se em subalternidade (CAETANO, 2008, p. 165).

Este tipo de “comentário não tem outro papel, sejam quais forem às técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (FOUCAULT, 2007, p. 25) e embora, meninos e meninas aprendam, na escola, desde muito cedo “piadas e gozações, apelidos e gestos para se dirigirem aqueles e aquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e sexualidade admitidos na cultura que vivem” (LOURO, 2010, p. 28) é importante enfatizar que os resultados dessas humilhações são tão letais quanto à própria violência física, já que suas ações têm como princípio afetar a valorização pessoal, a autoconfiança e a confiança no outro, a começar pela imparcialidade do/a educador/a diante dessa situação (CAETANO, 2008).

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2007, p. 26) e o efeito dessa opressão reflete o transtorno por ela causada de duas maneiras: a primeira delas é vitimização direta, ou seja, a dor da agressão, de ter sido ofendido por um colega de escola. Já a segunda debilidade é “aquela realizada pela exposição que a situação de violência implica. A vergonha do constrangimento sofrido na frente de outros alunos, professores, ou mesmo na frente dos pais tem um alto potencial destrutivo” (GÓIS, SOLIVA, 2011, p. 42).

Não desconsiderando a exacerbação da violência sofrida pelo gênero feminino, a miscelânea destes sentimentos parece ser mais fortemente incutida na produção da identidade masculina, de como ser homem e agir como macho, assim as “brincadeiras” entre meninos são marcadas pela violência enquanto entre meninas e mulheres envolvidas se destacam o campo da afetividade (LOURO, 2010, FERRARI, 2011). “Isso, de um lado, faz pensar na vigilância obsessiva das

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



normas de gênero na construção e no disciplinamento dos sujeitos portadores da identidade de referência, a masculina heterossexual” (JUNQUEIRA, 2012, p. 77), já que sobre os homens recai uma vigilância muito mais intensa.

No processo de formação identitária, a construção do universo heterossexual depende da aquisição desses arcabouços e fortalecer a LGBTQIAfobia, “é portanto, um mecanismo essencial do caráter masculino, porque ela permite recalcar o medo enrustido do desejo homossexual” (BORRILLO, 2010, p. 89) e as falas emanadas “a partir dos meninos parecem manter esse sentido de “brincadeira”, demonstrando certa naturalidade com o fato, já que se trata de uma negociação entre “homens”” (FERRARI, 2011, p. 77).

Essa pedagogia do insulto que atinge de diversas formas e variadas intensidades, homossexuais masculinos ou femininos assume fóruns de agravamento em relação a alunos/as travestis, transexuais e transgêneros. Na escola o processo de atribuições ou interpelações que alimentam o campo do discurso e do poder é sustentando naquilo que pode ser considerado como normal e desviante, e colocam em xeque a própria humanidade e direitos daqueles/as que ultrapassam as barreiras do binarismo de gênero homem/mulher (BUTLER, 2010).

Essas/es alunas/as, aqui, caracterizadas como pessoas “T” dentro da sigla LGBTQIA, não passam incógnitas pelo incômodo natural que apresentam ao conformismo generificado. Ao arquitetarem seus corpos, suas maneiras de apresentar-se, expressar-se e agir na escola, “tendem a enfrentar obstáculos para se matricular, participar das atividades pedagógicas, ter suas identidades respeitadas, fazer uso das estruturas escolares (como os banheiros) e preservar sua integridade física” (JUNQUEIRA, 2012, p. 78).

Tal contexto produz uma crescente tensão nas relações escolares, consistindo desafio muitas vezes sequer identificado como parte do trabalho escolar, no sentido de inclusão e permanência nas instituições de tais sujeitos. Esse processo de subterfúgio carcerário dos corpos sexuados é marcado por anseios, dores, conflitos e medos (BENTO, 2011).

Realização:



Apoio:

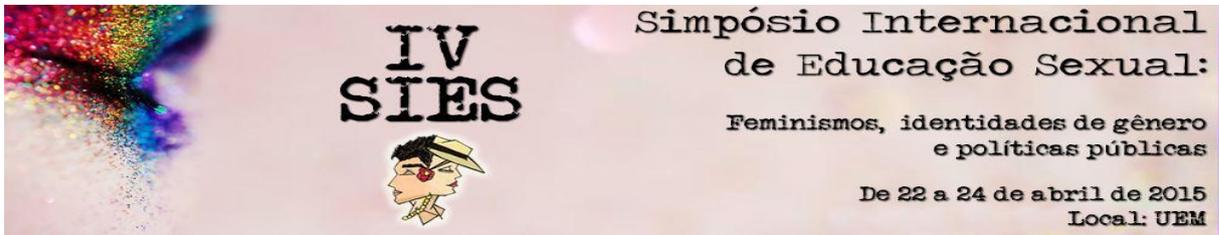


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





## (IN)CONCLUSÃO

O desconhecimento dos graves efeitos produzidos pelo processo de enculturação heteronormativo alicerçados no conjunto de discursos, literários, religiosos, éticos, biológicos, médicos e jurídicos, que tratam das sexualidades e nos quais estas se acham nomeadas, descritas, metaforizadas, explicadas, julgadas ao caráter biologizante, patologizante, psicologizante, histórico, cultural torna inimaginável a possibilidade de atuação da escola como coadjuvante na promoção da cultura do respeito à pessoa LGBTQIA colocando alunos/as não heterossexualizados em uma posição de vulnerabilidade (FOUCAULT, 2007).

A necessidade da adoção de atitudes positivas de enfrentamento a LGBTQIAfobia prescinde da abertura ao diálogo sobre as múltiplas sexualidade e para sua efetivação, não é necessário que o/a professor/a “esqueça seus valores, e abraça os da nova geração, tornando-se então um “professor moderno” ou uma “professora avançada”” ao mesmo tempo não cabe nessa relação querer que os alunos e as alunas coexistam de acordo como os valores em que foram criados, “repetindo na sala de aula frases do tipo “no meu tempo não tinha essa sem-vergonhice toda”, ou “no meu tempo a gente se respeitava, nenhum destes extremos é possível, e nem desejável” (SEFFNER, 2009, p. 131).

O princípio indispensável nessa relação antagônica é que se estabeleça um intermédio entre o conjunto de signos, valores, condutas, códigos morais e éticos do/a educador/a e o contíguo de sistemas que regem a comportamento dos alunos, que, por vezes, tanto em um quanto em outro caso, podem ser bastante variados, o que mantem o equilíbrio dessa relação é a gênese do respeito, uma vez que a escola enquanto agente de transformação precisa ter em vista que o futuro pertence aos jovens, é a juventude que já o habita, em todos os sentidos. A questão central é: não deveríamos nós os/as que estamos sendo, assim, cada vez mais, transformados/as em “outros/as”, com nossos poderes e conceitos se desvanecendo, no momento exato em que os exercemos nos sentirmos cada vez mais estrangeiros/as em nossas próprias salas de aula? (JUNQUEIRA, 2012).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



O intento dessa estratégia de discussão é quebrar a hierarquia constituída como um processo político na escola. Precisamos mexer com essas relações de poder existentes na sociedade e que leva as desigualdades. O que pretendemos não é negar a (co)existência da(s) diferença(s), mas que as pessoas possam ser diferentes e que essa diferença possa ser vista como algo bom e positivo, não simplesmente como algo a ser tolerado, (FURLANI, 2009) uma vez que essa espécie de benevolência “deixa ilesas hierarquias, relações de poder e técnicas de gestão das fronteiras da normalidade” atribuindo aos sujeitos com variáveis graus de preconceitos “atributos positivos por serem portadoras de certa sensibilidade em relação às vítimas – uma dose de compaixão, em função da qual o “outro” recebe uma aquiescente autorização para existir, em geral, à margem e silenciado”. Em outras palavras, o que estamos a defender é a promoção da cultura do respeito (JUNQUEIRA, 2012, p. 80).

Talvez a escola já tenha começado a dar seus primeiros passos neste longo trajeto. “Talvez estejamos muito longe de constituir um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção” (FOUCAULT, 2007, p. 67). Há de se pensar cotidianamente em estratégias educacionais e políticas públicas de combate e enfrentamento às diversas formas de assédio e opressão a que são submetidos/as pessoas LGBTQIA na sociedade brasileira e nesse embate a escola tem papel de destaque no reconhecimento e valoração de direitos e deveres.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-agosto/2011, p. 549-559.

Realização:



Apoio:

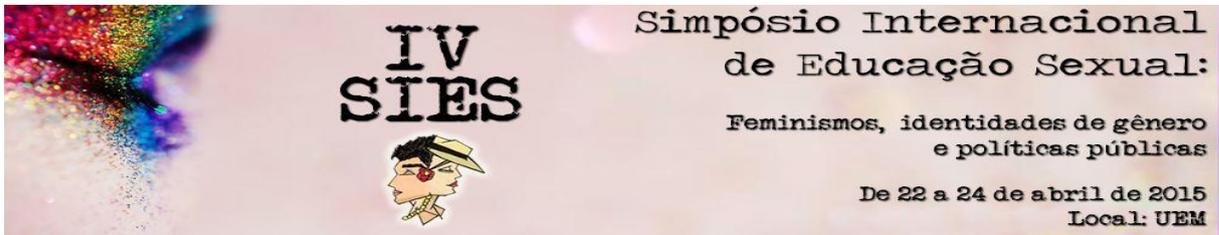


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





BORGES, Zulmira Newlands. PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. OHLWEILER, Mariane Inês. BULSING, Muriel. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul / Brasil). **Educar em Revista**, Curitiba: UFPR, n. 39, jan./abr. 2011, p. 21-38.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. *In*: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p. 15-46.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual na escola**. 1ª edição – Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. v.1, versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 151-172.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale. Rompendo fronteiras e problematizando as diferenças sexuais. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa. SILVA, Fabiana Ferreira da. MAGALHÃES, Joanalira Corpes. QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...**Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 158-171.

DOVIDIO, John F. GLICK, Peter. RUDMAN, Laurie A. Introduction: Reflecting on The Nature of Prejudice: Fifty Years after Allport. *In*: DOVIDIO, John F. GLICK, Peter. RUDMAN, Laurie A. **On the Nature of Prejudice: Fifty Years after Allport**. Blackwell Publishing: USA, 2005, p. 1-16.

FERRARI, Anderson. **O quê se fala e o quê se cala sobre o homoerotismo masculino: discursos, práticas e posturas dos professores diante do fato e do assunto**. Anped, GT Sociologia da Educação, 2000.

FERRARI, Anderson. Reflexões Sobre a Homofobia na Escola. *In*: CASAGRANDE, Lindamir S. LUZ, Nanc Stancki da. CARVALHO, Maria Gomes de (Orgs.). **Igualdade na diversidade: enfrentando o sexismo e a homofobia**. 1ª. ed. Curitiba: ed. UTFPR, 2011, p. 69-89.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





FONTES, Malu. Ilustrações do silêncio e da negação. *In*: LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Debora (Org.). **Homofobia & Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p. 99 - 114.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed<sup>a</sup>. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 29<sup>a</sup> edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

FUNDAÇÃO Instituto de Pesquisas Econômicas. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito Escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, Étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades Especiais, socioeconômica e orientação sexual**. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em 03 de janeiro de 2013.

FURLANI, Jimena. **Sexualidade humana na escola**. 2009. Disponível em <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/debaser/singlefile.php?id=590>>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.

GÓIS, João Bôsco Hora. SOLIVA, Thiago Barcelos. A violência contra gays em ambiente escolar. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 123. Agosto, 2011, p. 38-45.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 7<sup>a</sup>. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 103-133.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Ministério da Educação: Secad/MEC. Brasília, 2009a, p. 13-52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Aqui não temos gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Bagoas**. n. 04, p.171-190, 2009b.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC**, Rio de Janeiro, nº 10, p. 64-83, 2012.

Realização:



Apoio:



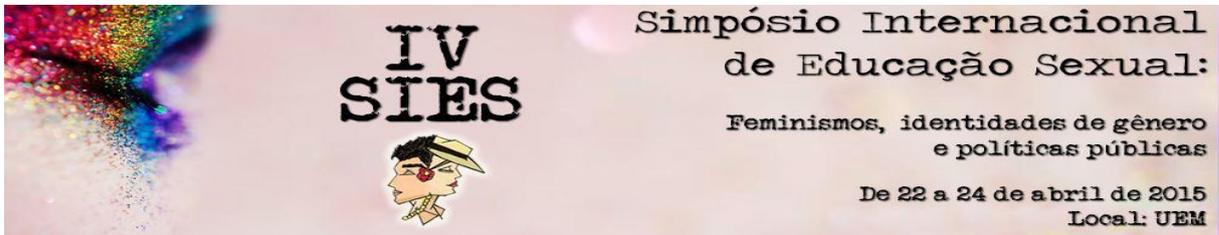
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Debora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? *In*: LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Debora (Org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009, p. 09-15.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que pesam: sobre os limites discursivo do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). SILVA, Tomaz Tadeu da (Trad.). **O corpo educado**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 07-35.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Ministério da Educação: Secad/MEC. Brasília, 2009, p. 85-95.

PARANÁ. **Gênero, orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Ministério da Educação: Secad/MEC. Brasília, 2009, p. 127-139.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 7ª. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007, p. 73-102.

SOUSA FILHO, Alípio de. A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. **Bagoas**, n. 04, 2009, p. 59-77.

UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004.

## ABSTRACT

The adoption of heterosexuality as true, predictable and stable, tends to charge those sanctions / those acting in desatendimento to heteronormativity process. Reflections taxes by the regulations, translates the school environment as a place of oppression, in which students / the Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, Transgender, Queer, questioning / as, Intersex, Undecided / the Asexual / and the Allies / the - LGBTQIA - live in different ways to the multiple phobias, observed in the course of empirical research, have been completed and presented to obtain the title

Realização:



Apoio:



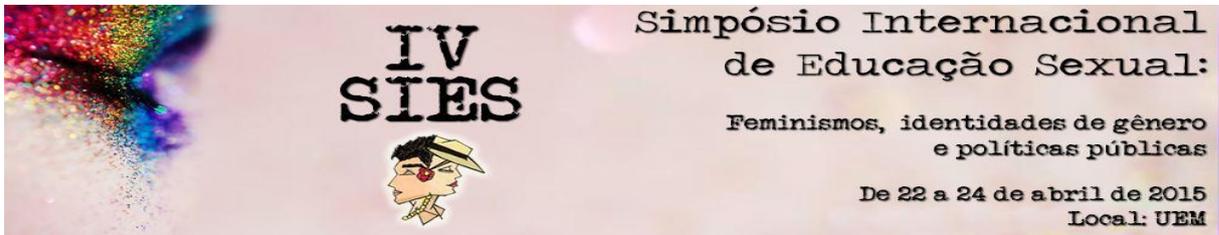
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



of Master of Education. In this study, supported the theory of cultural studies, we demonstrate that building (s) identity (s) and the (re) production (s) difference (s) are also excluded to the educational process of these / the students / the. Under this approach, we do not deny the (co) existence of (s) difference (s), but we argue that people can be different and this is seen as something good and positive, not as something to be tolerated, so , one has to think in daily educational and coping strategies to combat the various forms of harassment and oppression concerning them / the LGBTQIA people.

Keywords: Identity; Differences; LGBTQIA; School; LGBTQIAfobia.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:

